

Homeopatia sem Mistérios

Dr. João Lourenço

Homeopatia sem Mistérios

Entenda e viva melhor

1ª edição
2016



© 2016 – Dr. João Lourenço

Homeopatia sem Mistérios

Entenda e viva melhor

Dr. João Lourenço

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — Vila Teixeira
Marques

CEP 13485-150 — Limeira-SP

Fone: (19) 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

www.lojadoconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, por
qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive
por processos xerográficos, de fotocópia e de
gravação —, sem permissão, por escrito, do editor.

Revisão de texto: Sueli Araújo
Mariléa de Castro

Capa: Rosana Brolezzi Rosário

Projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho

ISBN 978-85-7618-374-7

1ª EDIÇÃO — 2016

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 — CEP 13485-150
Fone/Fax: (19) 3451-5440 — Limeira — SP
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

Lourenço, João

Homeopatia sem Mistério: Entenda e viva melhor / Dr.
João Lourenço — Limeira, SP : Editora do Conheci-
mento, 2016.

120 p.

ISBN 978-85-7618-374-7

1. Homeopatia 2. Medicina I. Título. II. João Lourenço

16-

CDD — 133.93

Índices para catálogos sistemático:

1. Medicina : Homeopatia



Sumário

Prefácio.....	5
Introdução	7
1. O médico e a medicina	9
2. A homeopatia para doentes.....	11
3. Nem fé nem partido: ciência.....	12
4. Terapêutica	16
5. A homeopatia na terapêutica.....	18
6. O cerne da questão.....	19
7. Uma questão de raciocínio.....	20
8. O efeito natural do organismo de se reorganizar e se restaurar	22
9. Energia vital	23
10. A homeopatia incrementando o processo de cura	24
11. A lei dos semelhantes (<i>similia similibus curantur</i>).....	25
12. O que tratar	26
13. Tratar o guia	29
14. Enfermidades crônicas e agudas.....	31
15. Agudização de uma doença crônica.....	34
16. O miasma.....	36
17. A informação do paciente	47
18. As informações de que o médico precisa	48
19. Os sintomas.....	52
20. A dinâmica médico-paciente	54
21. A medicação cuidadosa	58
22. O medicamento individualizado.....	61
23. O que atrapalha o tratamento	63
24. Agravação homeopática	65
25. Metástase mórbida	67

26. A esfera de ação do medicamento homeopático escolhido pela lei dos semelhantes	71
27. Medicamento único e doses repetidas.....	73
28. Absorção e tempo de ação do medicamento homeopático.....	78
29. Promoção e manutenção da saúde: qual o papel da homeopatia?.....	80
30. Como entender o que é tratamento do homem como um todo	83
31. A saúde, a doença e a morte	84
32. A ignorância contra a saúde	87
33. O uso circunstancial da homeopatia.....	91
34. Às vezes nos chamam tarde	94
35. Os casos psíquicos.....	99
36. O feitiço contra o feiticeiro	109
37. Outros usos menores da homeopatia	113

Prefácio



Só quem já experimentou pode falar: a homeopatia faz diferença, e muita, na saúde, no bem-estar, na disposição para levar a vida.

Só quem já passou por esse “processo de transformação” pode avaliar a diferença do “antes” e do “depois”.

E quem optou por esse caminho já deve ter sido questionado, inúmeras vezes, sobre a “validade” ou “eficácia” do tratamento homeopático.

Quem está fora, fica muitas vezes curioso, cético, quando não “penalizado” pela escolha que fizemos.

Por tudo isso, este livro se torna necessário para mostrar a todos nós – pacientes efetivos ou potenciais ou meros curiosos – o que é a homeopatia, quais os seus princípios, o que é possível fazer com ela para melhorar a saúde das pessoas.

Em mais de vinte anos de tratamento homeopático, já fui questionada inúmeras vezes sobre quando iria procurar “um médico de verdade”.

Mais de uma vez ouvi de pessoas a quem sugeri esse caminho a resposta surpreendente: “Não acredito, não tenho fé na homeopatia”.

Como bem diz Dr. João Lourenço neste livro, a medicina é uma só.

A homeopatia é apenas um tipo de terapêutica. Mais: não é preciso ter “fé” para que o tratamento homeopático dê resultado.

Basta seguir, como em qualquer tratamento, as recomendações do médico, tomar o medicamento no momento e na forma adequada.

Além de explicitar os principais conceitos da homeopatia, Dr. João Lourenço nos relata casos concretos, experiências vividas em sua vida de médico, que mostram a eficácia dessa terapêutica nas mais diversas situações.

Mais: esses relatos reforçam a necessidade de um relacionamento de confiança entre médico e paciente, a base para que qualquer tratamento seja encaminhado da forma mais eficaz.

O médico homeopata não é “santo”, não é “milagreiro”.

É apenas um profissional que se propõe a oferecer às pessoas o melhor caminho para ter saúde e bem-estar.

Nisso, Dr. João Lourenço é um especialista!

Boa leitura!

Maria Inês Caravaggi
(jornalista que optou pelo tratamento homeopático em 1988)

Introdução



Os fragmentos abaixo foram extraídos da introdução do livro *Tratado de Matéria Médica Homeopática*, de Leon Vannier e Jean Poirver, e traduzem com clareza o cerne da homeopatia e do médico homeopata. Eles nos constroem a ideia de como deve ser conhecida e usada a homeopatia por um médico homeopata:

A medicina é uma arte importante, cuja prática exige a verdadeira compreensão do doente e do medicamento a ser prescrito.

A matéria médica e a substância ativa devem ser também conhecidas, não em suas aparências quase sempre discretas, mas em sua essência real, cujos efeitos específicos evoluem em constante paralelismo. Na visão homeopática, o doente e o medicamento estão intimamente unidos por relações que a medicina atual continua a querer ignorar.

O verdadeiro conhecimento e a sua observância fiel dão ao médico homeopata uma técnica ao mesmo tempo flexível e invariável que lhe permite obter os melhores resultados.

O estudo e a aplicação dessa técnica são relativamente simples quando se quer realmente entender a orientação exata da observação homeopática, o “jogo funcional” do médico homeopata.

Por sua vez, Samuel Hahnemann nos aconselha, no prefácio da primeira edição de *Organon da Arte de Curar*:

Devo advertir o leitor de que indolência, apego ao conforto e obstinação excluem do altar da verdade serviço eficiente e somente isenção de preconceitos e zelo incansável qualificam para o mais sagrado de todos os misteres humanos – a prática do verdadeiro sistema médico. O médico que nesse espírito inicia seu trabalho assimila-se diretamente ao divino Criador, cuja criatura humana ajuda a preservar e cuja aprovação o torna três vezes bendito.

No prefácio da segunda edição do referido livro, Hahnemann nos assevera:

Nas *ciências puramente experimentais*, na física, química e medicina, a razão meramente especulativa não pode, por conseguinte, ser ouvida. Lá *onde aja por si*, degenera em fantasias e especulações vazias e produz somente hipóteses arriscadas que, milhares de vezes, são e por sua própria natureza devem ser ilusões e falsidades (grifos do autor).

[...]

Por outro lado, uma reflexão sóbria e sem preconceitos convencer-nos-á facilmente de que manter visão correta sobre cada caso de doença a curar, obter conhecimento acurado do verdadeiro poder das drogas, de que empregá-las por um plano adaptado a cada condição mórbida e administrá-las em doses apropriadas – de que, em suma, a verdadeira arte de curar – nunca poderá ser produto de raciocínios apazíveis e opiniões ilusórias, mas, os requisitos para o seu exercício,

No prefácio da sexta e última edição, Hahnemann afirma: “A Homeopatia é, então, uma arte de curar muito simples, ficando sempre fixa em seus princípios, bem como em sua prática. Como a doutrina na qual se baseia, ela se apresenta, se bem a compreendermos, como um todo completo, apenas por isso útil. [...]”.

Segundo ainda Hahnemann:

§ 1

A mais e *única* missão do médico é restabelecer a saú-

de dos doentes, que é o que se chama curar.

[...]

§ 2

O ideal máximo da cura é o restabelecimento rápido, suave e duradouro da saúde, ou remoção e aniquilamento da doença, em toda a sua extensão, da maneira mais curta, mais segura e menos nociva, agindo por princípios facilmente compreensíveis.

[...]

Na arte de curar, deixar de aprender é crime.



1. O médico e a medicina

Há séculos, a humanidade vem lutando para dominar a natureza adversa, tentando eliminar a doença, o sofrimento e a morte.

Muito foi feito nesse campo, e os séculos passados foram o laboratório de experimentações, como também o é o nosso hoje para um futuro próximo.

A medicina não é uma ciência em si, mas empresta das diversas cadeiras do estudo científico conhecimentos para serem empregados na atividade médica, que estuda e entende o doente e a doença, desenvolve técnicas terapêuticas e diagnósticas, trata e remedia as doenças.

Assim, um médico é um profissional que foi educado no curso de medicina que lhe auferiu um conteúdo de conhecimentos tal que o torna capaz de trabalhar como profissional médico e continuar estudando, buscando sempre novas informações necessárias a essa prática.

Esse conteúdo compõe-se, também, de conhecimentos produzidos ao longo do tempo na prática cotidiana, usando-se para isso a técnica científica de estudo, o empirismo científico e, às vezes, até o empirismo puro.

Portanto, o corpo de informações médico-acadêmicas é muito extenso e subdividido para estudos, mas compõe todo um corpo de conhecimento rigidamente organizado e definido, dinâmico e cansativamente aferido.

Na atualidade, espelha a exaltação contemporânea da eletrônica, da química, da atomística e, também, infelizmente, do consumo e do lucro.

O que direciona os estudos e a aplicação do conhecimento médico em cada era é a necessidade real e os anseios por saúde daqueles que desfrutaram da atuação médica.

É, querendo ou não alguns, patrimônio humano, e assim deve se manter a bem de todos os humanos, e deve ter como coparticipante na condução em seus caminhos a população.

Certa vez, quando ia para meu plantão em uma cidade vizinha, de ônibus, uma pessoa ao meu lado se encorajou e perguntou:

– Vocês realmente abrem cadáver na faculdade?

Há um “quê” fantasioso sobre esse aspecto do ensino médico. Depois de tantos anos na profissão, já não sei mais como é essa visão...

Tal pessoa, como tantas outras, também compartilhava dessa curiosidade bizarra.

– Nós estudamos anatomia em um cadáver ou órgãos de um cadáver. É a forma mais fiel de se estudar o corpo humano.

– Mas você não fica... mal com isso?

– Superamos isso, temos de superar – respondi.

– Hum...

Ele parou e pensou um pouco. E, nesse instante, eu lhe perguntei:

– E o senhor, o que faz?

– Eu trabalho para um frigorífico. Eu trabalho na área do abate – respondeu-me de pronto.

– Pois é, e o senhor não se sente mal com isso, matando os bichinhos todos os dias?

– Superamos isso – respondeu, sorrindo e orgulhoso, usando a minha expressão.

E perguntou, pedindo aprovação:

– Nos acostumamos, não é?

Sorri, apenas.



2. A homeopatia para doentes

Por que procurar a homeopatia?

A resposta depende da pessoa que procura e do por que procura.

Se estiver procurando por uma medicina imediatista, com muitos exames e medicamentos, de façanhas dignas do “Fantástico Show da Vida”, pode esquecer, estará no caminho errado.

A homeopatia é uma terapêutica promotora e mantenedora da saúde, de cunho eminentemente clínico.

Na realidade, a medicina é uma só, e a homeopatia é apenas mais uma especialidade terapêutica, dentre outras quatro tradicionais da cadeira de terapêutica médica.

O objeto de estudo é o paciente e a sua limitação como doente, bem como o indivíduo sadio e a manutenção de sua saúde.

Não há nada excepcional nos mecanismos de ação da homeopatia nem em seu emprego. O doente será submetido a um estudo acurado, será avaliado e elaborados os diagnósticos necessários. A partir daí, inicia-se um plano de tratamento.

Não se usam forças sobrenaturais, pêndulos, amuletos, pedras mágicas ou dons fantásticos para medicar o paciente. Utiliza-se apenas uma técnica terapêutica, muito eficaz no tratamento de doenças.

Sei que muitos levam a homeopatia para o lado místico e mítico. Quase chegam ao delírio com explicações mirabolantes, mas nada disso é real. Pelo fato de não ser conhecida por muitos, cria-se espaço para as especulações.



3. Nem fé nem partido: ciência

Quem já não ouviu alguém dizer que gosta e está do lado da homeopatia?

Ou que usa a homeopatia porque acredita nela (chegam a usar expressões “fé”, “é preciso ter fé”)?

Ela não é partido político ou coisa do gênero para se estar do lado dela, apoiá-la, se expressar a favor dela...

Nem tampouco religião, para se ter fé ou acreditar. Ninguém precisa tomar a medicação com “fé”, muito menos ter pensamento positivo de que vá funcionar para ela ser eficaz. Isso é ridículo e, a partir desse ponto, já não falamos mais como médicos.

Para deixar clara a nossa linha de raciocínio, vamos lembrar um pouco como se desenvolveu o método de estudo científico, baseado em experimentações.

Tudo o que conhecemos e usamos em medicina vem de estudos realizados por diversos homens voltados para desvendar, resolver problemas e enigmas, criar um corpo de conhecimento que possibilite existir a medicina.

O método de estudo científico que usamos hoje foi fruto do desenvolvimento da razão humana, e ela vem mudando no tempo, gradativamente, em busca de exatidão na construção do conhecimento humano.

Hahnemann era um médico doutorado e produzia trabalhos que eram apresentados na academia de medicina de seu tempo, em seu país (Alemanha). Dentre os trabalhos, um deles é o tratado sobre a sarna, que é válido até hoje, com a indicação do benzoato de benzila para curá-la.

A ciência de antes de Hahnemann era feita por teoremas vindos do nada ou observados na natureza e explorados como conhecimento humano.

Francis Bacon desenvolveu o método empírico de estudo que revolucionou o seu tempo e cobrou do estudioso atenção e observação para descrever os fenômenos encontrados em nosso meio. Não havia qualquer tentativa de interpretar o fato, apenas se observava, experimentava e anotava tudo. Desse ponto, não demorou muito para que começassem a anotar, experimentar e formular uma teoria sobre o assunto em estudo.

Na medicina, essas experimentações vieram com Claude Bernard em 1865, quando publicou seu trabalho *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*.

Essa obra é apontada na literatura como a primeira experimentação em medicina, embora Samuel Hahnemann já tivesse divulgado suas experimentações em 1796, no *Ensaio Sobre um Novo Princípio para Descobrir as Virtudes Curativas das Substâncias Mediciniais*, aconselhando a fazer experimentações no homem sadio. Isso 69 anos antes de Claude Bernard. Em 1810, ele publicou *Organon da Medicina Racional*, eixo da homeopatia, trabalho todo baseado em experimentações e rigorosa observação.

A homeopatia nasceu na medicina experimental de Hahnemann. Foi o resultado de um trabalho de uma vida toda, desenvolvido por um doutor da academia de ciências médicas, através do método de estudo de seu tempo, e não do imaginário dele ou de qualquer outro.

Está, portanto, longe de crenças, misticismo, filosofias e religiões. É um ramo da ciência médica, resultado de um trabalho racional acadêmico do século XVIII. É um campo terapêutico ainda muito atual, que nos aponta para uma área de estudo ainda virgem na ciência atual.

Sei, sim, que existem médicos que falam de forças astrais, psíquicas, neuróticas e recorrem a muitas explicações que se amoldam à imaginação de cada um. A homeopatia é um campo de estudo a ser considerado não por ser o mais certo, mas por ser um material desenvolvido por um médico por meio de ob-

servação, síntese e experimentação, que compunham o método de estudo empírico-científico de sua época.

Se quisermos conhecer a homeopatia dentro do método de estudo atual – método científico de estudo –, é só se adequar a ele por meio de trabalhos sérios.

Há os que dizem: ou temos alopatia ou temos homeopatia, situando-as como frentes opostas em conflito. Não sei como isso pode ser dito sem má-fé ou ignorância. Pode-se dizer que são coisas diferentes, mas não antagônicas, e não estão em conflito, porque cada terapêutica tem suas características e formas de atuar plenamente estudadas, distinta e independentemente uma da outra.

Vale repetir: são especialidades individuais da cadeira de terapêutica médica e não representam duas vertentes opostas que se digladiam para ter supremacia na forma de tratar os pacientes.

Certa vez, encontrei um colega que, assim que me viu, começou a falar baboseiras para justificar que homeopatia “não presta” e que a alopatia era o oposto salvador.

E passou a dizer:

– Se chegar um acidentado sem sangue nas veias, o que você faz?

Pensei comigo: “Chamo um padre, porque está morto”. Mas não falei, para não o tornar tão eloquentemente insano.

– Na verdade, eu daria expansor de plasma, ou sangue, se eu o tiver em mãos. E isso é isopatia e não alopatia – respondi.

Olhou-me e ficou quieto. Depois, continuou:

– Vocês dizem que curam tudo. Quero ver se você pegar aqueles desidratados na pediatria. Quero ver o que você faz! – e balançava a cabeça como Mussolini em seus discursos.

Perguntei a ele:

– E o que você faz?

Respondeu-me orgulhosa e prontamente:

– Não sou pediatra, mas como alopatia daria água, eletrólitos e glicose (esse é o tratamento básico de um desidratado).

Emendei:

– Eu, como homeopata, faria o mesmo!

– Mas como? Por que não usa a homeopatiazinha? – Falou de uma forma como se quisesse brigar mesmo comigo.

– Porque, como médico que sou, escolheria a proposta da isopatia, que é a postura mais adequada a meu ver.

– O que é isso, iso... Agora nada é alopatia? – contestou, mas já incertamente.

– A alopatia poderia, no máximo, indicar um antimicrobiano, se fosse essa a etiologia do quadro, um antiemético que não a atropina, porque senão seria a enantiopatia, mas não poderia fazer mais nada, além disso, para desidratação...

Comecei a falar pausadamente para me fazer entender.

– De onde tirou isso? – quase urrou.

– Da medicina, ué! – respondi.

– Eu estudei lá na faculdade “tal” e não vi nada disso – disse, gabando-se da faculdade que tem renome nacional.

– Dá para ver – respondi.

Esse encontro tão desagradável, em que o interesse médico real ficou de lado, a favor de uma ação violenta, mostrando uma polarização absurda que não provém da medicina e de seu conhecimento, mostra-nos a raiz do problema: o desconhecimento. Mostra-nos, infelizmente, a posição atual de um número de médicos, não de todos, graças a Deus, refletindo uma atitude tão contemporânea.

Essa postura é comum na política, na religião, no futebol, em vários grupos. Está na maneira de agir das pessoas hoje e, muitas vezes, serve para movimentar massas populacionais.

4. Terapêutica



Na ciência médica, dentre suas cadeiras, uma chama-se terapêutica médica. Essa cadeira parou de ser estudada no curso médico desde o fim dos anos de 1950, por motivo que realmente desconheço.

Na terapêutica médica, há cinco formas tradicionais de tratar os indivíduos. Cada especialidade terapêutica tem uma proposta clara, uma forma específica de propor um tratamento e se baseia em determinada gama de conhecimentos que embasam a sua aplicação e seu estudo, o seu ideal de ação: alopatia, homeopatia, isopatia, enantiopatia, tautopatia.

A alopatia, do grego *alloion* (diferente) + *pathos* (sofrimento), nomeia uma modalidade terapêutica que não se baseia no mecanismo patológico que produz a doença. Em outras palavras, trata a doença, o mal em si.

A homeopatia, por outro lado, age de maneira semelhante à forma de adoecer da doença natural (lei dos semelhantes). Seu foco é o doente, a pessoa.

A enantiopatia, do grego *enantio* (contrário), é a modalidade terapêutica que age de forma oposta ao mecanismo da doença (lei dos contrários).

Isopatia, do grego *isos* (igual), é a terapêutica que repõe o que se perde, como sangue para os anêmicos, vitaminas, água e sal para os desidratados etc.

Tautopatia, do grego *tautos* (o mesmo), é a modalidade que age para desenvolver resistências, como os tratamentos de dessensibilizações e algumas imunoterapias.

Essas são as cinco formas tradicionais de tratar um indi-

víduo doente. Nenhuma delas compõe em si uma medicina à parte, senão parte de uma cadeira médica.

Quem descreveu tudo isso – a medicina e, portanto, a cadeira de terapêutica médica – foi Hipócrates. Não a criou por capricho, mas diante de fatos e observações acrescidas do conhecimento que se tinha até seu tempo sobre a cura e a arte de curar. Hipócrates a desenvolveu com uma exclusiva finalidade: devolver a saúde aos doentes.

Havia por trás disso toda uma filosofia médica, conhecimento e modelos de tratamento. Foi um trabalho imenso de síntese e racionalidade.

Coube aos séculos seguintes – e cabe ainda hoje – desenvolvê-la e fazer bom uso dela.

Há quem possa dizer ser o conhecimento da terapêutica um conteúdo supérfluo, cultura inútil. Mas, se assim fosse, não haveria essa confusão homérica sobre o assunto “terapêutica médica”. Isso dos dois lados – dos que se dizem “homeopatas” e dos que se autodenominam “alopatas”. A ignorância é o que domina o assunto.

Posso explicar melhor por meio de um exemplo: ouvi, muitas vezes, até em congressos médicos, a expressão “doutrina homeopática”. Não é doutrina, é especialidade terapêutica! E, por outro lado, são muitos os que dizem: “a medicina homeopática...”. Torno a repetir que não é uma medicina à parte e sim uma especialidade terapêutica de uma cadeira médica intitulada terapêutica médica, uma das que compõem o corpo de conhecimentos médicos que formam a medicina.

Apenas mais um exemplo, lançando mão da definição encontrada no dicionário *Aulete*:

1. Med. Ciência que trata da prevenção e da cura de doenças.
2. P.ext. Ramo da medicina (*medicina homeopática*).

Mas o assunto da terapêutica médica não para na descrição das formas de tratar. Essa é uma ferramenta para entender a pessoa doente e arrazoar a melhor forma de tratá-la.